

O Édipo de Freud a Bion*

Zeljko Loparic

O LUGAR DO COMPLEXO DE ÉDIPO NA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA

O centenário da elaboração freudiana do complexo de Édipo, ocorrida em 1897, oferece uma preciosa oportunidade de rediscutir uma série de questões centrais da teoria e da história da psicanálise, bem como da sua relação com a filosofia.

Na formulação inicial do complexo de Édipo, o menino gosta da mãe e é rival do pai: ele tem desejos de incesto e de assassinato. A menina, por seu turno, gosta do pai e rivaliza com a mãe.¹ Essa situação, relacionada à diferença de sexos, é conflituosa e, por isso, gera angústia, cuja forma básica é a de castração. A angústia, bem como os desejos que constituem a situação edípica, passam em geral despercebidos, embora possam reaparecer na forma de sonhos e de sintomas neuróticos. Esses sintomas são analisáveis e compreensíveis em termos da lógi-

ca dessa mesma situação. Com o Édipo, Freud estabeleceu, ao mesmo tempo, a sexualidade infantil, o inconsciente reprimido, o conflito que causa as neuroses e o método de seu tratamento.

Foi a partir daí que Freud formulou, também, a teoria psicanalítica (a metapsicologia). Como observa Bion, com muita propriedade, o complexo de Édipo, reconhecido no material clínico, bem como o mito de Édipo e a sua versão em Sófocles, serviram a Freud de “instrumento para descobrir a psicanálise”. Por essa razão, a psicanálise freudiana pode ser chamada de “edípica”. Sobre esse ponto também, Bion disse palavras decisivas: “Freud afirmou que um dos critérios segundo os quais um psicanalista deveria ser avaliado era o grau da sua fidelidade intelectual à teoria do complexo de Édipo. Ele demonstrou, assim, a importância que atribuía a essa teoria...”. Bion não deixou dúvidas quanto a sua pessoal lealdade à teoria canônica de Freud. O passar do tempo, diz ele, não trouxe ne-

* Comentário do trabalho “Revisitando Édipo: um vislumbre na (in)capacidade de pensar”, de João Carlos Braga, apresentado em 20/09/97 na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1. Freud, 1900, p. 262.

nhuma indicação de que Freud estaria errado por superestimar a importância do famoso complexo; a evidência a seu favor “nunca está ausente, embora possa não ser observada”.²

Bion está certo. O complexo de Édipo desempenha, de fato, o papel central na teoria psicanalítica tradicional. Em primeiro lugar, ele é o fenômeno principal da vida sexual, por isso elemento essencial da explicação da sexualidade. Toda a teoria da função sexual é concebida como preparação ou como decorrência da situação edípica. Em segundo lugar, a estrutura do sujeito é concebida em termos de antecedentes ou de derivações do complexo. Em terceiro lugar, o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses e, de modo geral, das doenças psíquicas. Em quarto lugar, o complexo de Édipo está na origem da ordem cultural, isto é, da moral, da religião, da socialidade, da historicidade, da arte, da ordem humana em geral.

Por esse motivo, a teoria da situação edípica e dos seus efeitos pode ser chamada de paradigmática, no seguinte sentido: o problema do Édipo é o *problema central* e a solução exemplar desse problema, a parte principal da psicanálise tradicional, um paradigma teórico, tanto para a análise individual como para o desenvolvimento e para a institucionalização da teoria psicanalítica.³

O COMPLEXO DE ÉDIPO COMO EXPERIÊNCIA PESSOAL ESTRUTURANTE, EM FREUD

Na fase inicial da psicanálise, o complexo de Édipo era concebido por Freud como uma experiência pessoal, realizada na história individual. Tratava-se, no essencial, da experiência da cena primitiva. Tal concepção estava de acordo com o significado dado originalmente ao conceito de complexo por Jung.

Em seguida, o complexo e a cena primitiva que o constituía foi reconhecida, por Freud, como momento estruturante e, portanto, necessário da sexualidade humana e do desenvolvimento individual em geral. Desse reconhecimento decorre a tese do papel central do complexo, que explicitamos acima. Entretanto, na clínica, a concepção do complexo de Édipo como uma experiência pessoal revelou-se, aos olhos de Freud, de difícil verificação. Isso se depreende claramente do seu estudo sobre o assunto, intitulado “O homem dos lobos” (1914-1918).

O COMPLEXO DE ÉDIPO COMO ESQUEMA FILOGENÉTICO, EM FREUD

A conclusão que Freud tira das dificuldades em estabelecer experiências individuais capazes de verificar a existência da experiência da cena primitiva é a seguinte: não importa se o com-

2. Bion, 1963, p. 92 e 1967, pp. 49-50. Bion afirma ainda que a teoria do Édipo faz parte do “equipamento de observação” padrão do material clínico e lhe concede a condição de “pré-concepção” do tipo D4.

3. Utilizo o termo “paradigma” no sentido próximo do de Th. S. Kuhn.

plexo de Édipo nasce de uma *experiência* ou se trata de uma *fantasia original*.

No segundo caso, o complexo de Édipo poderá ser concebido como uma herança filogenética. Mais precisamente, como a sedimentação de um evento que não precisa ter ocorrido na vida de cada indivíduo. Basta que ele tenha se dado efetivamente num passado mais ou menos remoto na vida da espécie e tenha sido herdado por todos os seres humanos. O modelo de um evento desse tipo é a expulsão, pelo pai, dos filhos homens da tribo primitiva e a morte desse pai pelos filhos expulsos, mito exposto por Freud em “Totem e tabu” (1912/13).

As dificuldades dessa concepção saltam aos olhos. Por um lado, elas dizem respeito ao conceito de hereditariedade pressuposto por Freud, de cunho lamarckiano. Por outro, constata-se o distanciamento da psicanálise edipiana da base observacional clínica da qual partiu em 1897.

Como Freud enfrentou essas dificuldades? Ele ficou devendo qualquer esclarecimento sobre o conceito de hereditariedade que usava. Por outro lado, Freud fez a tentativa de justificar o distanciamento da sua teoria relativamente à experiência clínica. Para tanto, valeu-se de comparação da herança edipiana com as categorias de Kant. Tal como as categorias, conceitos *a priori* do entendimento humano – que são condições de possibilidade da experiência cognitiva e não produtos dessa experiência – o complexo de Édipo

também precede e dirige a experiência da vida individual.

Essa analogia permite a Freud tratar o complexo de Édipo como esquema (Schema) de acomodação das impressões vitais (Lebenseindrücke). A analogia parece legítima, pois, de fato, em Kant, as categorias, embora não sendo elas mesmas os esquemas, precisam de esquemas de sua aplicação à sensibilidade (intuição empírica) para terem sentido e significado cognitivos. Mas a comparação falha logo em seguida. Em Freud, o complexo de Édipo é um *esquema inato* no indivíduo, mas não na espécie, pois resulta da sedimentação da sua história cultural. Em Kant, nem as categorias, nem os seus esquemas são inatos nesse sentido. Elas são, antes, produtos *a priori* de um desenvolvimento de cada indivíduo humano que resulta da ativação pela sensibilidade cognitiva (não afetiva) das operações inatas e, nesse sentido, *a priori*. Em Kant, nem as categorias, nem os esquemas de sua aplicação no domínio de dados intuitivos são sedimentação da história empírica da espécie. Portanto, nem o complexo de Édipo, nem qualquer outro tipo de herança filogenética pode ser considerado, desde o ponto de vista da filosofia transcendental de Kant, como “explicação da capacidade de pensar” (Braga, 1997, p. 3). Segundo Kant, a capacidade de pensar não se explica, pois toda explicação pressupõe tal capacidade como constituída. Por isso, necessariamente, cai num círculo vicioso ou no regresso ao infinito.

Dito de outra maneira, o inatismo de Freud é relativo à história empírica da espécie, o de Kant é constitutivo de cada indivíduo enquanto ser racional. Nesse ponto, Freud é um empirista irredutível, Kant um racionalista inabalado. O caráter kantiano do complexo de Édipo, tal como concebido por Freud em 1918, vai muito pouco além de uma figura de retórica.

O COMPLEXO DE ÉDIPLO COMO PRÉ-CONCEPÇÃO (BION)

Bion parece ter percebido as dificuldades inerentes à concepção empirista do complexo de Édipo e ofereceu uma reformulação do conceito freudiano do complexo de Édipo mais de acordo com o apriorismo e o inatismo kantianos. Em Bion, o complexo de Édipo ressurgiu como uma forma mental do desejo, explicitada por analogia ao conceito do pensamento *a priori* e vazio de Kant, ou seja, por analogia a categorias ainda não esquematizadas e aplicadas à experiência. A pré-concepção edípica é inata e figura como condição necessária de qualquer relação de objeto. O mesmo vale para a pré-concepção do seio e do si mesmo, duas ou-

tras das três pré-concepções básicas. Por essa razão, a pré-concepção edípica não é, nem pode ser, derivada de experiência, seja individual seja coletiva, de relações objetivas.

Ao conceber o Édipo como pré-concepção, à luz da filosofia transcendental de Kant, Bion resolveu o impasse gerado pelo empirismo historicista de Freud. A sua reformulação do Édipo evita os problemas gerados pela tese freudiana da herança filogenética e, nesse sentido, representa um avanço epistemológico notável.⁴

O LUGAR DO COMPLEXO DE ÉDIPLO NA METAPSICOLOGIA BIONIANA

Segundo Bion, a pré-concepção edípica, o mito pessoal de Édipo, estaria na origem da capacidade de pensar de cada indivíduo. Essa capacidade, iminente à espécie humana, não é uma resultante predeterminada, mas um resultado precário, organizado em torno da pré-concepção edípica (Braga, 1997, p. 3). O aparelho psíquico é um produto dos pensamentos.⁵

Mas isso não é tudo. A pré-concepção edípica, condição de possibilidade do desenvolvimento da capacidade de pen-

-
4. Para evitar mal-entendidos, gostaria de observar que, em Bion, o complexo de Édipo tem vários sentidos: o de mito pessoal, de mito social, de criação literária e, finalmente, de instrumento teórico de observação, próprio da psicanálise freudiana, do material clínico relativo ao mito pessoal. No presente contexto, estou me restringindo apenas ao Édipo como mito pessoal, como formação da mente individual, e nesse sentido como pré-concepção.
 5. Nas suas análises, Braga não faz referência à evolução do pensamento de Bion. Creio que tal evolução existiu e que é importante para uma avaliação da totalidade da sua obra. Na sua fase final, quando introduz os conceitos de místico e de idéia messiânica, Bion ultrapassa radicalmente os limites da filosofia transcendental de Kant. Segundo uma interpretação, Bion estaria retomando o platonismo, no estilo de Fregue. Creio que se pode entender Bion de uma outra maneira, e dizer que ele se aproximou de certas teses características da obra do segundo Heidegger (posterior a 1936).

sar, ou seja, do aparelho psíquico mental, também é condição de possibilidade das relações de objetos do indivíduo humano e, assim, da sua *capacidade de existir*. É a representação simbólica de si mesmo, em relação aos pais, que permite ao indivíduo “integrar suas diferentes realidades” e, em última instância, de ser si mesmo e de estabelecer “contato com o real”. Em resumo, o existir do indivíduo humano funda-se, segundo Bion, no pensar, este último concebido à maneira de Kant como capacidade de representar. Na origem do ser humano estão os pensamentos.

O lugar de Édipo na teoria bioniana pode, portanto, ser determinado por duas teses. A primeira diz que a pré-concepção edípica é o núcleo organizador da mente humana, inclusive da ordem moral. A segunda afirma ser essa pré-concepção a condição de possibilidade unicamente a partir da qual podem constituir-se o eu sou e as relações de objeto primordiais (Braga, 1997, p. 12).

BION, À LUZ DA FILOSOFIA DE HEIDEGGER E DA PSICANÁLISE DE WINNICOTT

Até que ponto é possível seguir Bion nessa tentativa de fundamentar tanto o aparelho mental como o próprio ser humano sobre a pré-concepção edípica interpretada ao modo kantiano, isto

é, sobre o pensamento?

Essa questão não é fácil de ser respondida. Para aprofundar a sua primeira parte, caberia perguntar, entre outras coisas, se a moral, elemento central da estrutura mental do ser humano, pode ser dita simples decorrência da pré-concepção edípica. A posição de Bion é longe de ser consensual, mesmo na psicanálise. Em Winnicott, por exemplo, a moral não decorre da situação edípica, mas da relação a dois entre a mãe e o bebê.

A segunda parte da pergunta, que diz respeito à fundamentação do existir humano sobre a capacidade de pensar, não é menos controversa. Dúvidas sérias sobre tal assentamento do ser no representar foram expressas tanto na filosofia como na psicanálise, ela mesma. Na filosofia, a obra monumental de Heidegger constituída, toda ela, a partir da tentativa de desconstruir o pensamento metafísico, está aí para lembrar que o eu penso, herança direta do racionalismo cartesiano e da filosofia transcendental de Kant, deixa sem resposta a pergunta pelo modo de ser do ente que pensa no sentido de representar.⁶

Na psicanálise, foi Winnicott que deu uma ênfase particular à afirmação de que o ser do homem não se constitui a partir de pensamentos, nem com base num aparelho mental capaz de representações, mas na confluência de

6. Lacan percebeu claramente que Heidegger deve ser levado a sério pela psicanálise. Entre os filósofos, a avaliação do peso de Heidegger tampouco deixa dúvida. Levinas, por exemplo, afirmou que *Ser e tempo*, escrito em 1927, está entre as mais importantes obras filosóficas de todos os tempos.

uma tendência inata de se estabelecer como unidade e da facilitação dessa integração pela mãe-ambiência, real e confiável. A realização da tendência à integração não pode ser reduzida, nem mesmo parcialmente, ao preenchimento ou a satisfação da pré-concepção edípica porque 1) ela consiste em funções do eu anteriores à constituição de qualquer pensamento, não sendo um pensamento em busca do pensador; 2) ela produz um indivíduo integrado, não um aparelho mental; 3) ela busca garantir a continuidade do ser, não a satisfação do desejo; 4) a sua força depende essencialmente do apoio do eu da mãe, não da capacidade de suportar a frustração; 5) ela se realiza, na origem, numa relação a dois (mãe-bebê), não numa relação triangular.⁷ Abre-se, assim, um horizonte, ao mesmo tempo filosófico (constituído a partir do pensamento pós-metafísico de Heidegger) e psicanalítico (o da psicanálise pós-edípica de Winnicott), no interior do qual pode-se iniciar a discussão sobre as duas teses bionianas mencionadas acima.

Nesse quadro, também pode ser posta em discussão a afirmação de que Bion teria fincado a bandeira da psicanálise edípica na “terra de ninguém” dos primórdios do pensar (Braga, 1997, p. 4). Há boas razões para pensar que a psicanálise, baseada no complexo de Édipo, não é o único “instrumento científico” a nosso dispor para

a investigação do “surgimento da capacidade de pensar” e que incursões filosóficas, nesse domínio, não se reduzem a meras “tentativas metafísicas” de dar conta do mesmo problema.

Gostaria de terminar fazendo uma observação sobre o modo como os filósofos lêem os textos. Desde Hegel, pelo menos, a unidade de análise não é mais a obra de um único autor, mas a história do pensamento ocidental. A historicidade, ou melhor, a acontecibilidade do pensamento foi recentemente sublinhada, com particular força, por Heidegger. Assim sendo, fica difícil, a um filósofo, limitar-se ou fechar-se numa única obra. A sua tarefa de leitura implica sempre num *diálogo* mais amplo, que envolve todos os pensadores essenciais da área sem, no entanto, redundar num ecletismo arbitrário. Gostaria de acrescentar que, pelo menos entre os filósofos, começa a surgir o consenso de que, depois do declínio da filosofia da história (Hegel, Marx), a obra de Heidegger é a única que nos permite trabalhar os problemas essenciais do pensamento contemporâneo com a amplitude de visão que se estende desde os gregos até os dias de hoje. ■

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BION, Wilfred R. (1963). *Elements of Psycho-Analysis*. Londres, Karnak.
 — (1967). *Attention and Interpretation*. Londres, Karnak.

7. Em outros textos (cf. Loparic 1996a, 1996b e 1997), abordei, com muito mais detalhe, a contribuição de Winnicott à psicanálise dos nossos dias.

BRAGA, João Carlos (1997). "Revisitando Édipo: um vislumbre na (in)capacidade de pensar" (manuscrito).

FREUD, Sigmund (1900). *A interpretação dos sonhos*.

LOPARIC, Zeljko (1996a). "Winnicott e o pensamento pós-metafísico", in CATAFESTA, Ivonise [org.] (1996). *D.W. Winnicott na USP*. São Paulo, Lemos,

pp. 21-45.

____ (1996a). "Winnicott: uma psicanálise não-edipiana", *Percurso*, nº 17, pp. 41-48.

____ (1997a). "Winnicott e Melanie Klein: conflito de paradigmas", in CATAFESTA, Ivonise [org.] (1997). *Centenário Winnicott*, pp. 39-55 (no prelo).

Dea et Formation Doctorale de Psychopathologie Fondamentale

O Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse acaba de publicar caderno com as informações sobre o DEA et formation doctorale en Psychopathologie Fondamentale, Psychanalyse et Biologie da Université Paris 7 – Denis Diderot. Este programa é dirigido pelo Prof. Dr. Pierre Fédida e o caderno pode ser consultado na

Livraria Pulsional –
Centro de Psicanálise

Rua Dr. Homem de Mello, 351
05007-001 São Paulo, SP

Telefax: (011) 262-8345 / 3865-8950 /
3675-1190

ou pode ser solicitado ao

Laboratoire de Psychopathologie
Fondamentale et Psychanalyse
2, pl. Jussien, Tour 53, case 7065
75251 Paris Cedex 05 – France

E-mail: fedida@moka.ccr.jussien.fr

Centro de Pesquisa em Medicina Psicossomática

Nos dias 03 e 04 de julho de 1998, foi criado, em Campinas, SP, o Centro de Pesquisa em Medicina Psicossomática, grupo permanente de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Milton Lopes de Souza. O Centro faz parte do Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, onde o Prof. Dr. Milton Lopes de Souza vem desenvolvendo suas pesquisas há dois anos. O Centro constitui, também, a Regional Campinas da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática. Os interessados em manter contato com este grupo podem se dirigir a:

Prof. Dr. Milton Lopes de Souza
ABMP-Regional Campinas
Rua Duque de Caxias, 954
13015-311 Campinas, SP
Telefax: (019) 232-4278

E-mail: sbmpcamp@lexxa.com.br